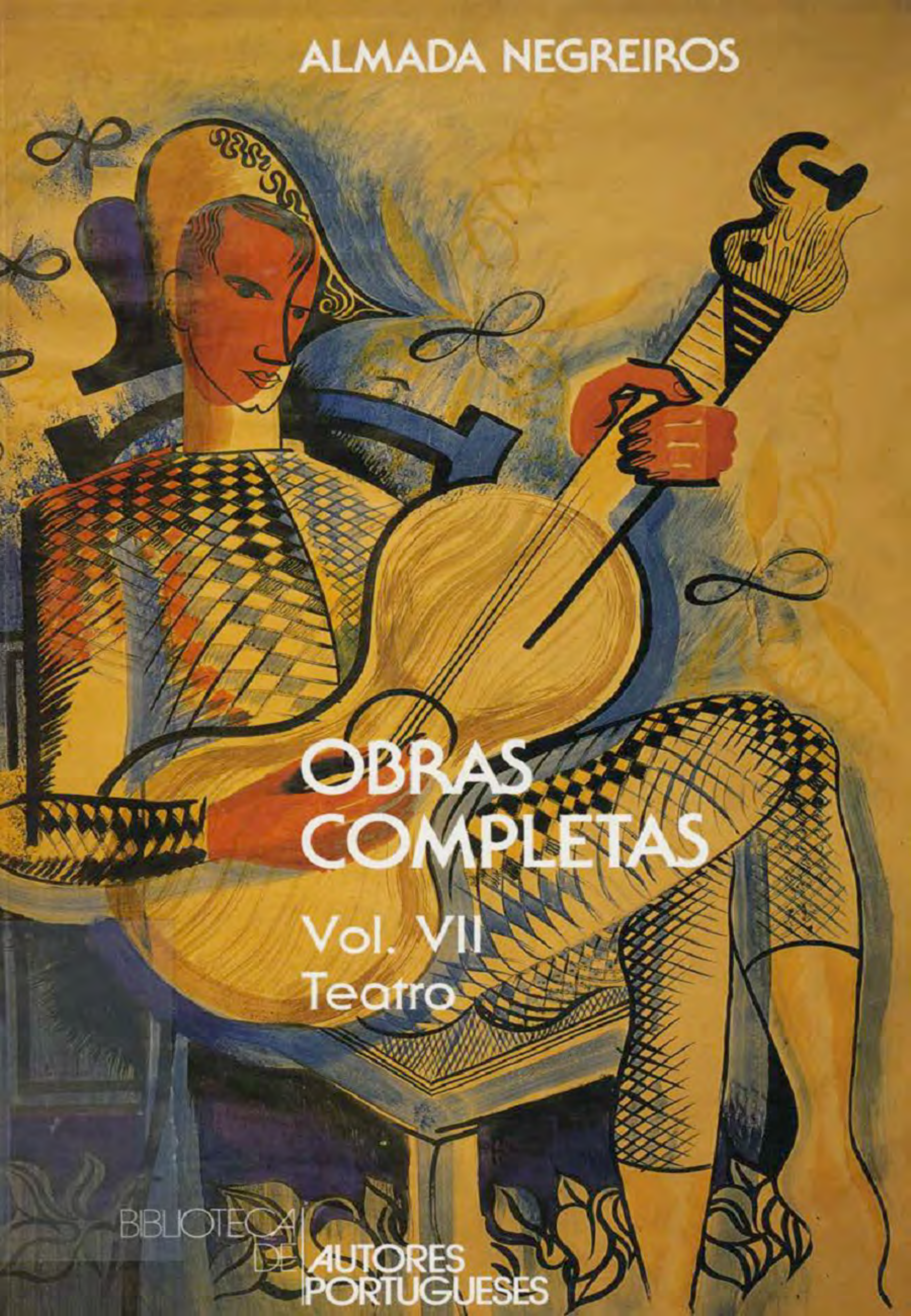




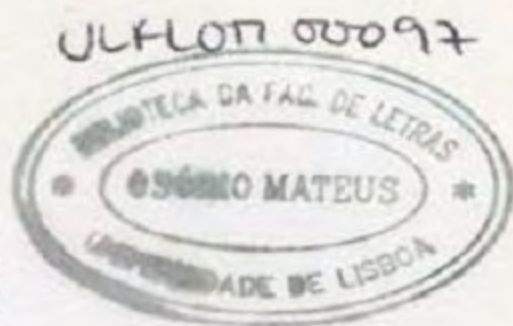
ALMADA NEGREIROS

OBRAS
COMPLETAS

Vol. VII
Teatro

BIBLIOTECA
DE AUTORES
PORTUGUESES

ALMADA NEGREIROS



**OBRAS
COMPLETAS**

**Vol. VII
Teatro**

DESEJA-SE MULHER

1 + 1 = 1

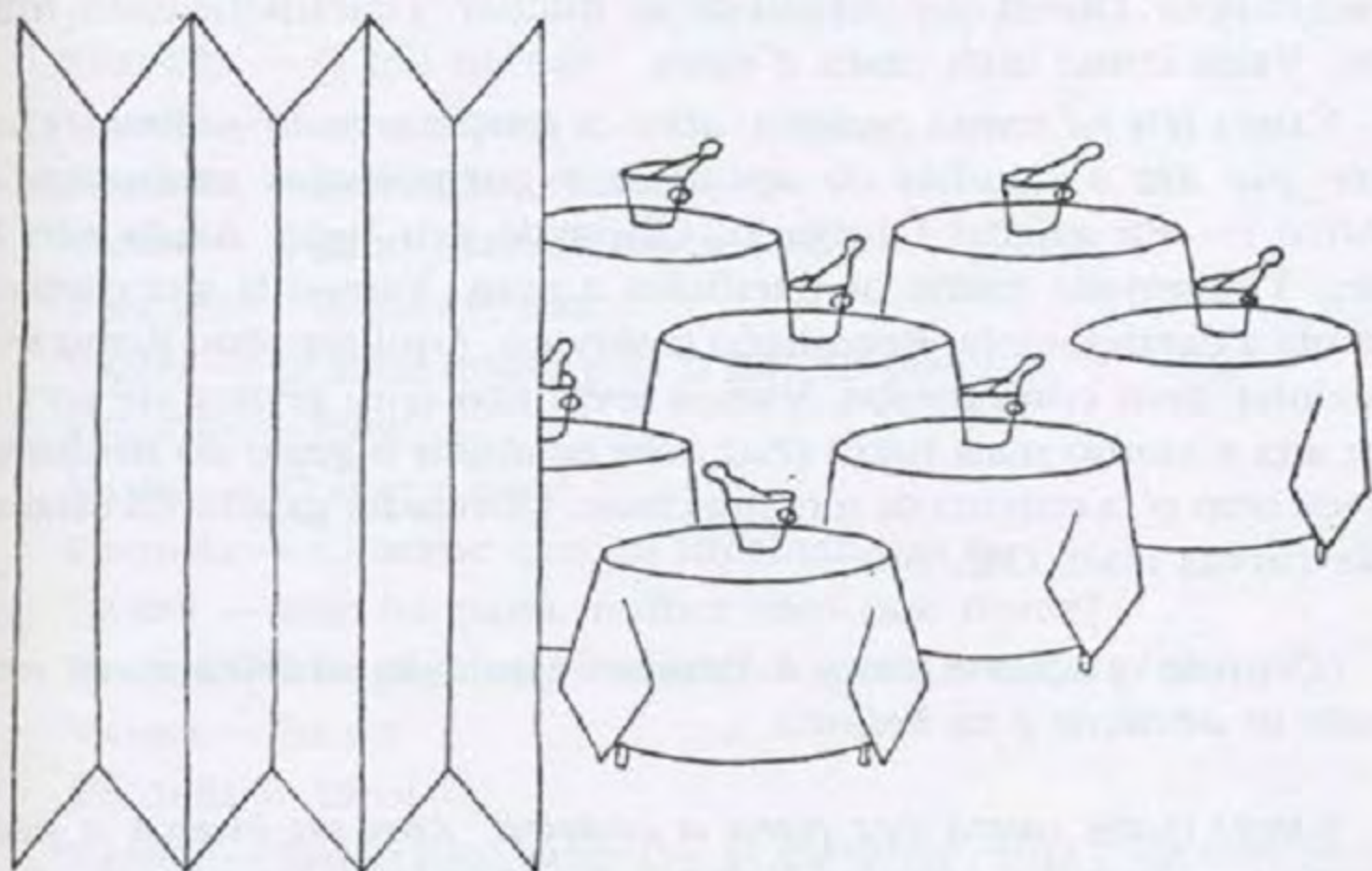
ESPECTÁCULO EM 3 ACTOS E 7 QUADROS

À Sarah Affonso

(1928)

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO QUADRO



(«Boîte de nuit». Pequenas mesas redondas com os baldes do gelo. Um grupo de «girls» o mais despidas possível dança um número de variedades avançando entre as mesas.

Um criado de cabelo branco empastado de cosmético, farda vermelha e galões de ouro, atende o freguês que está só a uma mesa.)

O CRIADO — V. Ex.^a espera mais alguém?

FREGUÊS — Sim. Espero. Espero alguém.

(Termina o número das «girls». Aplausos. Saem. Voltam à cena. Saem de novo.

Mas o grande êxito é para uma mulher estilizadíssima em grandes decotes no vestido de prata reluzente.

Fuma por uma grande boquilha. De todos os lados se aplaude de pé e grita.)

PÚBLICO — A Vampa! Vampa! Viva a Vampa! Hurra!

O CRIADO — Aí está ela!

FREGUÊS — Quem é?

O CRIADO — A Vampa. Chamam-lhe a Vampa. É a mascote de nós todos. Tem cá feito uma falta. É a primeira vez que aparece depois da operação. Fizeram-lhe uma operação. Correu tudo muito bem. Deixou de ser mulher. Dizem que deixou de ser mulher. Tiraram-lhe tudo, tudo, tudo. Vazia como uma casca d'ostra.

VAMPA *(De pé numa cadeira, abre os braços a pedir silêncio. Cada frase que diz é seguida de aplausos e gargalhadas unânimes do público.)* — Eh gajada! Obrigado. Obrigado por tudo. Ainda não foi desta. Tiraram-me todos os parafusos a mais. Vamos lá ver como se aguenta a caranguejola. Recomeço o serviço. Aqui me têm. Estou mais levezinha. Sem contrapesos. Vamos levar isto com genica até ao fim. Tive alta e venho mais baixa *(Faz com os dedos o gesto do dinheiro.)* Não dá nem p'ra enterro de terceira classe. Obrigado, gajada! Cá estamos p'ràs curvas Fixe! Olé, olé!

(Grande ovação e vivas à Vampa. Desce da cadeira e vai recebendo os abraços e os beijos.)

VAMPA *(Sobe outra vez para a cadeira. Abre os braços a pedir silêncio.)* — Atenção! Atenção! Notícias da última hora: repouso absoluto, não fumar, não beber, não... não tudo... e o resto também não. Nadinha!

(Estrondosa gargalhada geral. Todos estão cada vez mais excitados. Ela desce da cadeira e continuam os cumprimentos pessoais. Ao passar pela mesa onde o criado atende o freguês, ela senta-se presa por um braço. É o freguês que a segura pelo pulso. Passiva, encara-o longamente, inclinando por fim a cabeça a um lado e outro, olbando-o sempre a buscar entre recordações.)

VAMPA — Nunca te vi.

FREGUÊS — Nem eu.

VAMPA — Sabias que eu existia?

FREGUÊS — Não.

VAMPA — E agarraste-me logo d'entrada.

FREGUÊS — Logo.

VAMPA — E eu deixo-me agarrar.

FREGUÊS — Fica na minha mesa.

VAMPA — Queres que eu fique contigo?

FREGUÊS — Quero, quero.

(Ela senta-se. Ele larga-lhe o pulso. A Vampa que fala em público não é a mesma com um particular. O seu tique pessoal, quando fala a uma só pessoa, é confidencial, amaneirado à fadista, dando a cada palavra importância que por vezes não tem.)

FREGUÊS — O teu nome?

VAMPA — Já o ouviste.

FREGUÊS — Esse, não. Outro.

VAMPA — Tenho vários nomes.

FREGUÊS — Basta-me um.

VAMPA — O meu nome p'ra ti hás-de pô-lo tu.

FREGUÊS — Fata!

VAMPA — O que é isso?

FREGUÊS — O nome que eu inventei p'ra ti.

VAMPA — Não há outra mulher com esse nome?

FREGUÊS — Impossível: inventei-o agora mesmo p'ra ti.

VAMPA — Juras?

FREGUÊS — Juro!

VAMPA — Então ficas sabendo: se eu ouvir outra com esse nome...

FREGUÊS — Diz, diz.

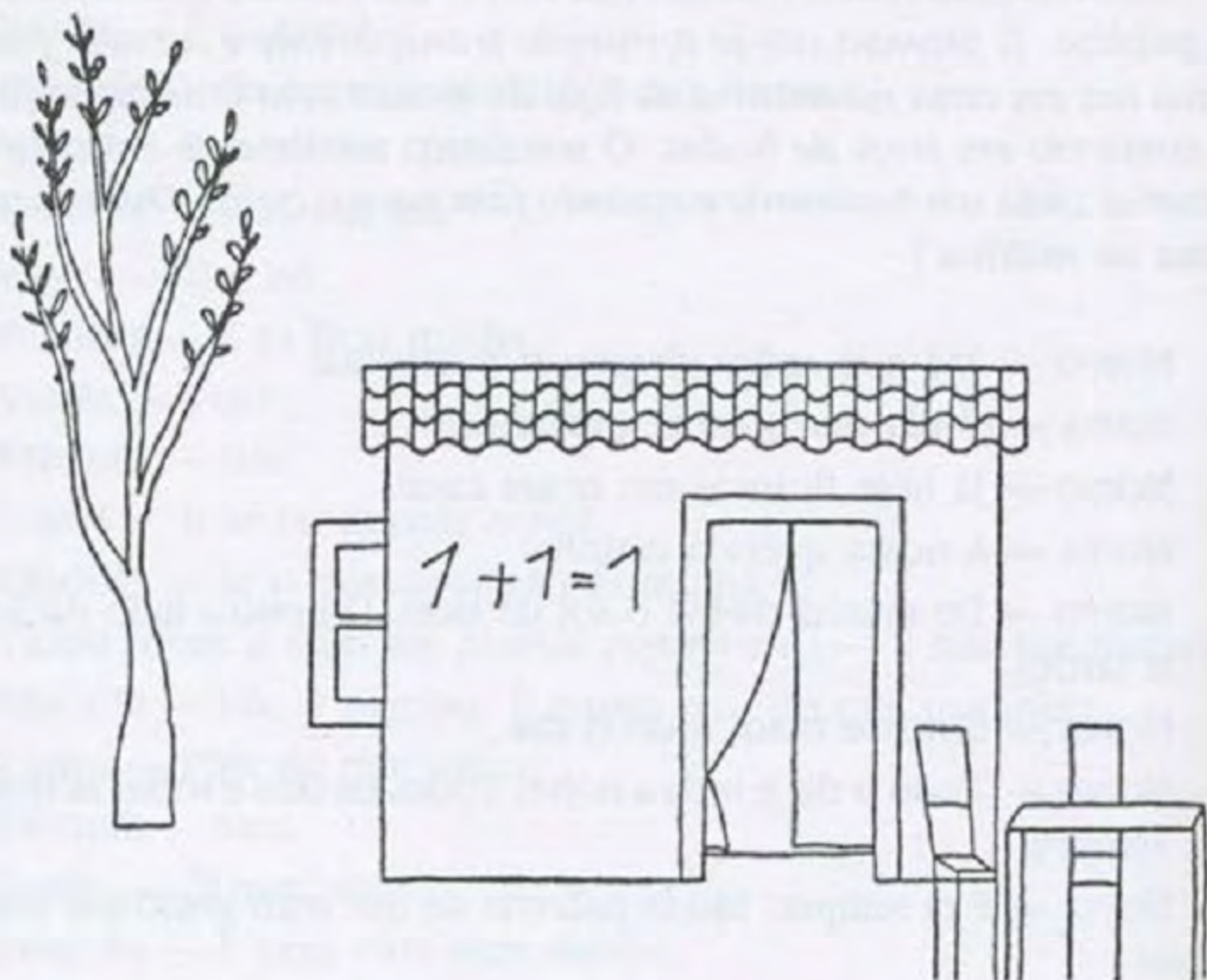
VAMPA *(Com a mão em pistola contra ele.)* — Mato-te. *(Dá um estalo com os dedos.)*

FREGUÊS — Sim, sim! Gosto, gosto! Quero, quero!

VAMPA *(Inesperada e repentinamente, ela sobre para a cadeira e depois para a mesa abrindo muitos os braços a pedir silêncio.)* — Atenção! Muita atenção! Até nova ordem a Vampa morreu.

(Desce da mesa para a cadeira e fica sentada à mesa. Música, aplausos e o nome de Vampa mistura-se em grande algazarra com serpentinas, balões, «confetti», máscaras, baile e monossílabos.)

SEGUNDO QUADRO



(Uma casita isolada no campo. Mesa e duas cadeiras diante da casa. Árvore ao lado.

Vampa acaba de escrever na parede em grandes números $1 + 1 = 1$. Toca um despertador.)

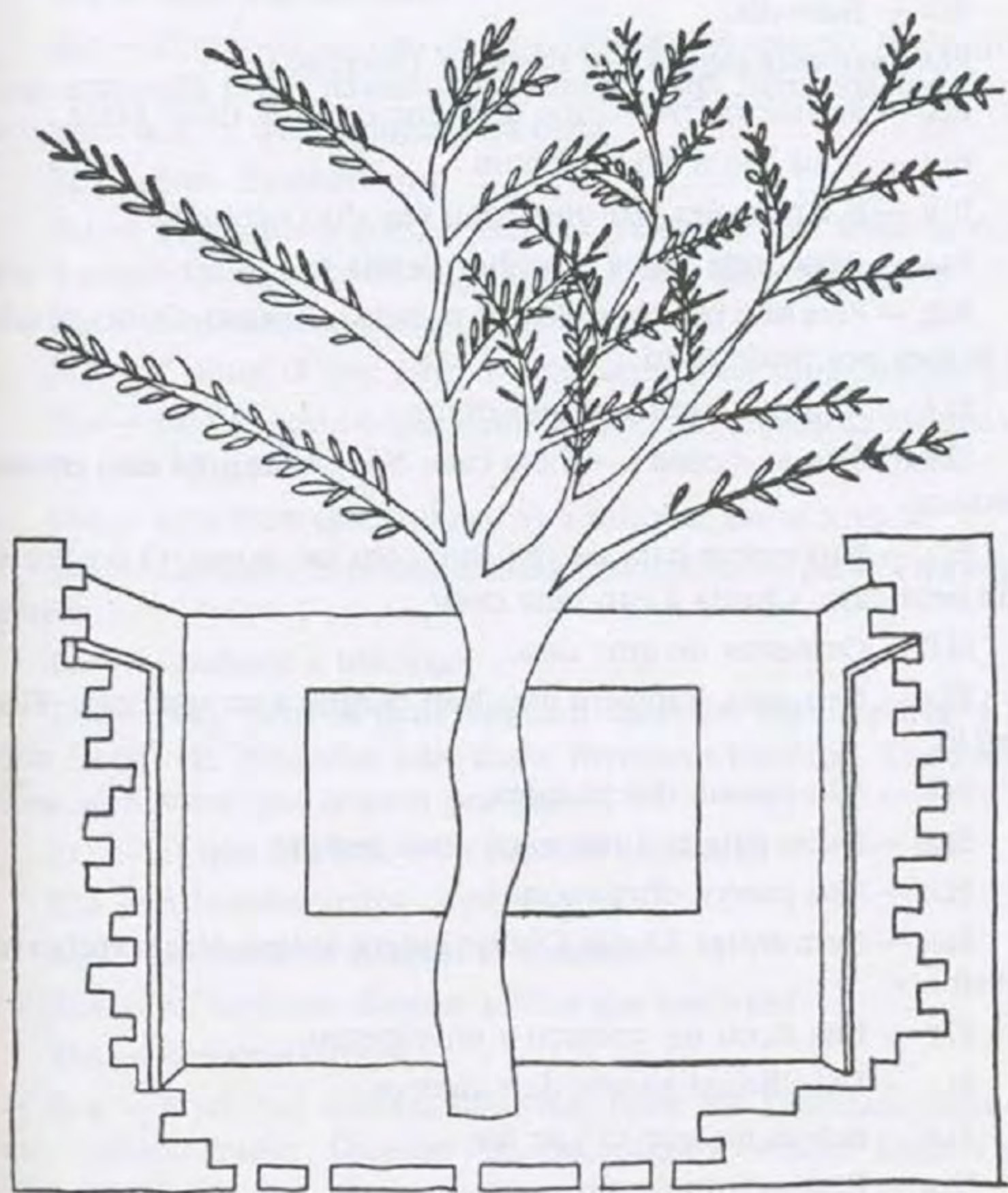
VOZ DENTRO DE CASA — Não dormiste?

ELA — Não.

VOZ — Que tens?

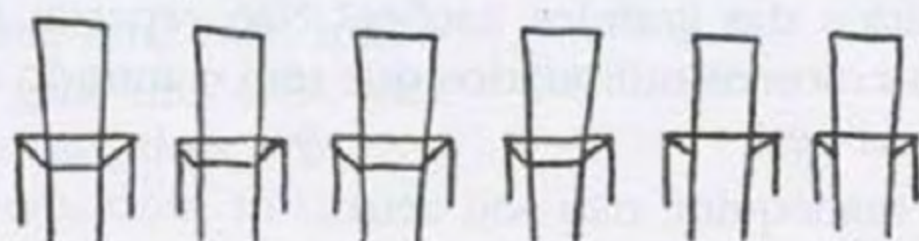
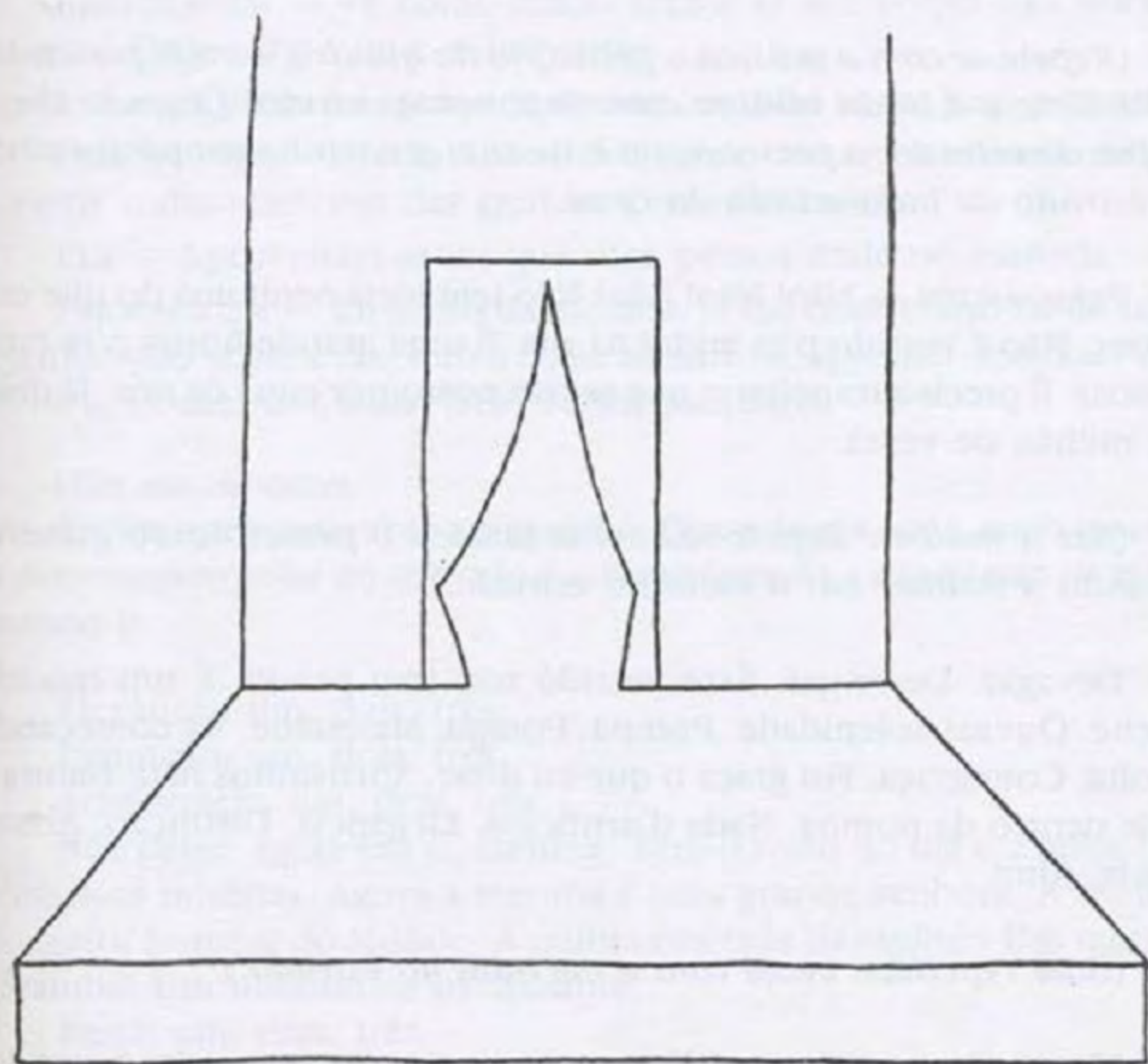
ELA — Nada.

TERCEIRO QUADRO

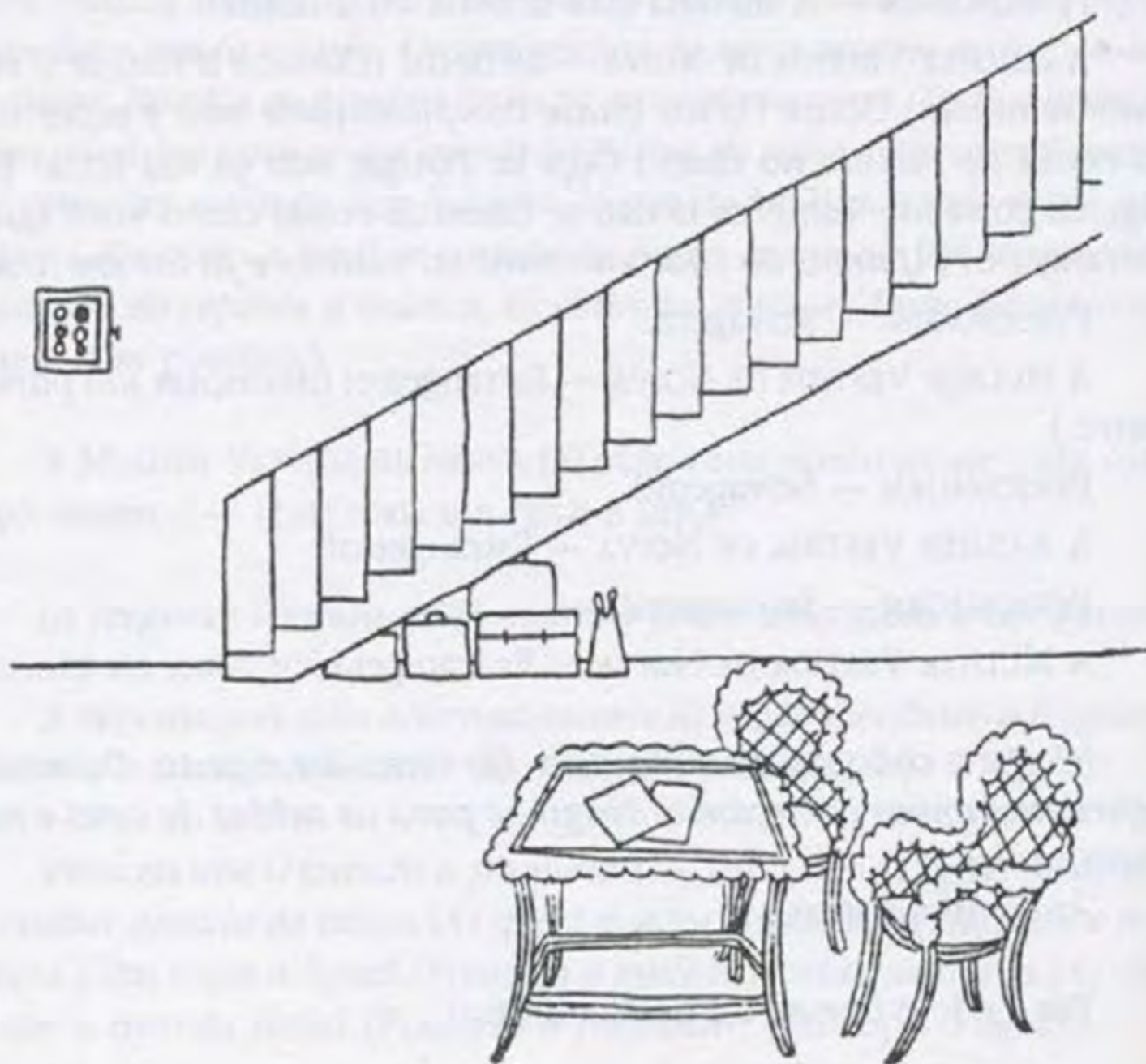


SEGUNDO ACTO

QUARTO QUADRO



QUINTO QUADRO



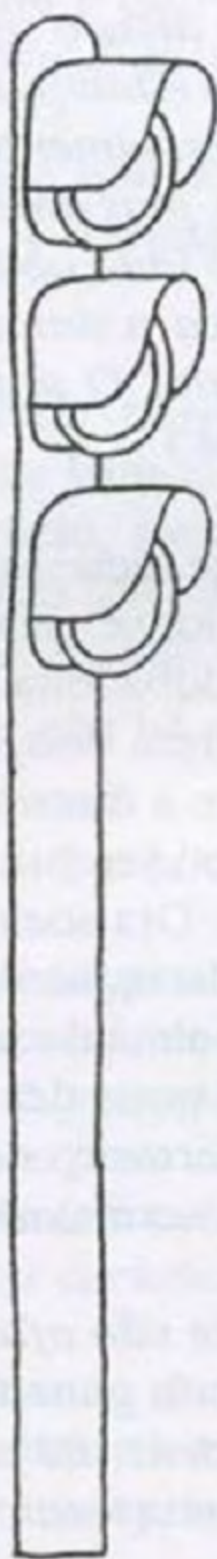
(«Hall» de modesta pensão. Uma escada sobe para outro andar. No vão descoberto da escada malas e caixotes. Mesa e cadeiras de verga. Jornais e revistas na mesa.

As duas personagens do terceiro quadro sentadas à mesa. Paradas como estátuas. Ele fixa-a com o olhar sem pestanejar. Ela não o olha senão quando responde. No longo silêncio ouve-se por vezes a respiração de um e de outro.

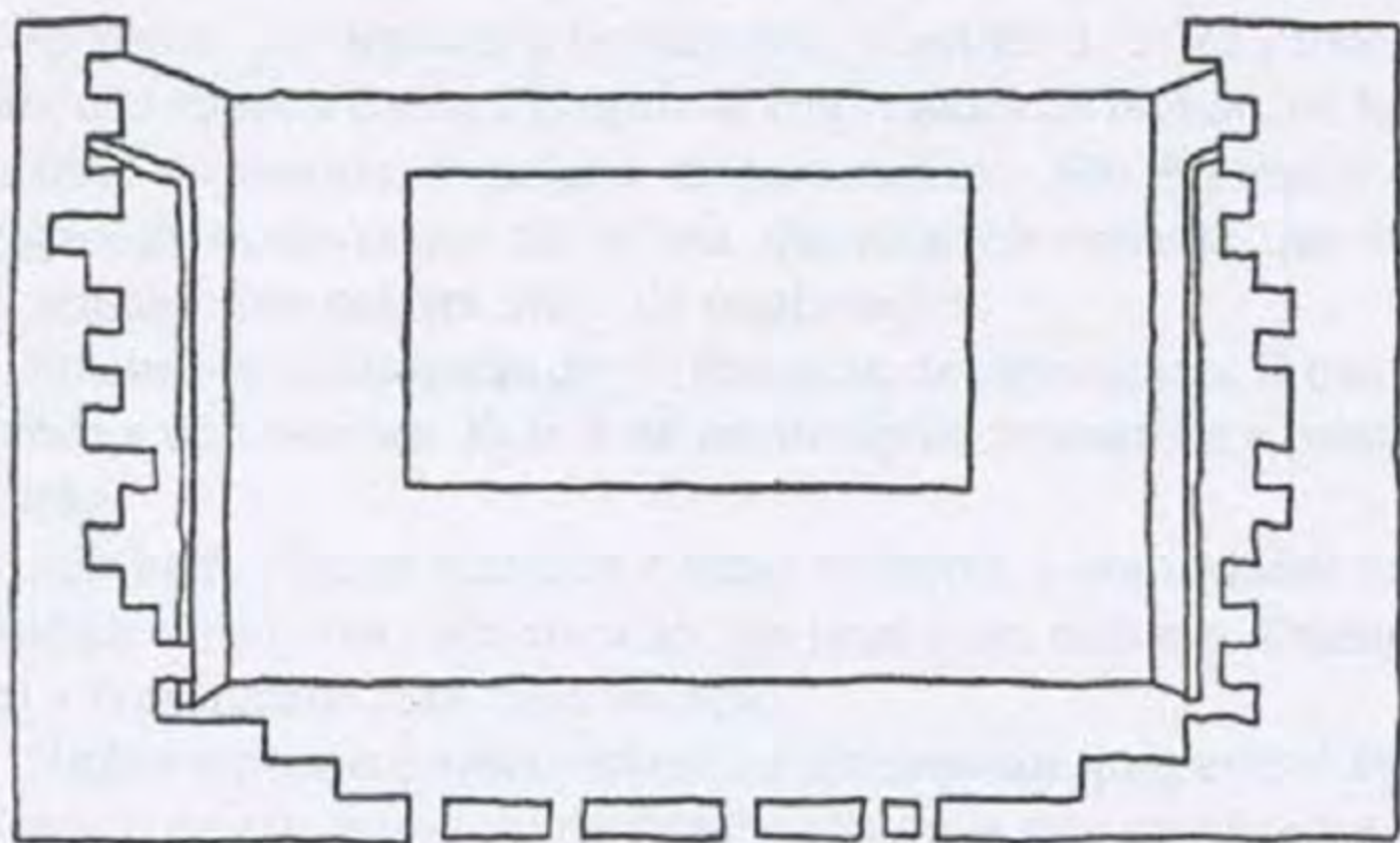
Campainha. Uma criada vem desligar o número no quadro. Sobe a escada.

TERCEIRO ACTO

SEXTO QUADRO



SÉTIMO QUADRO

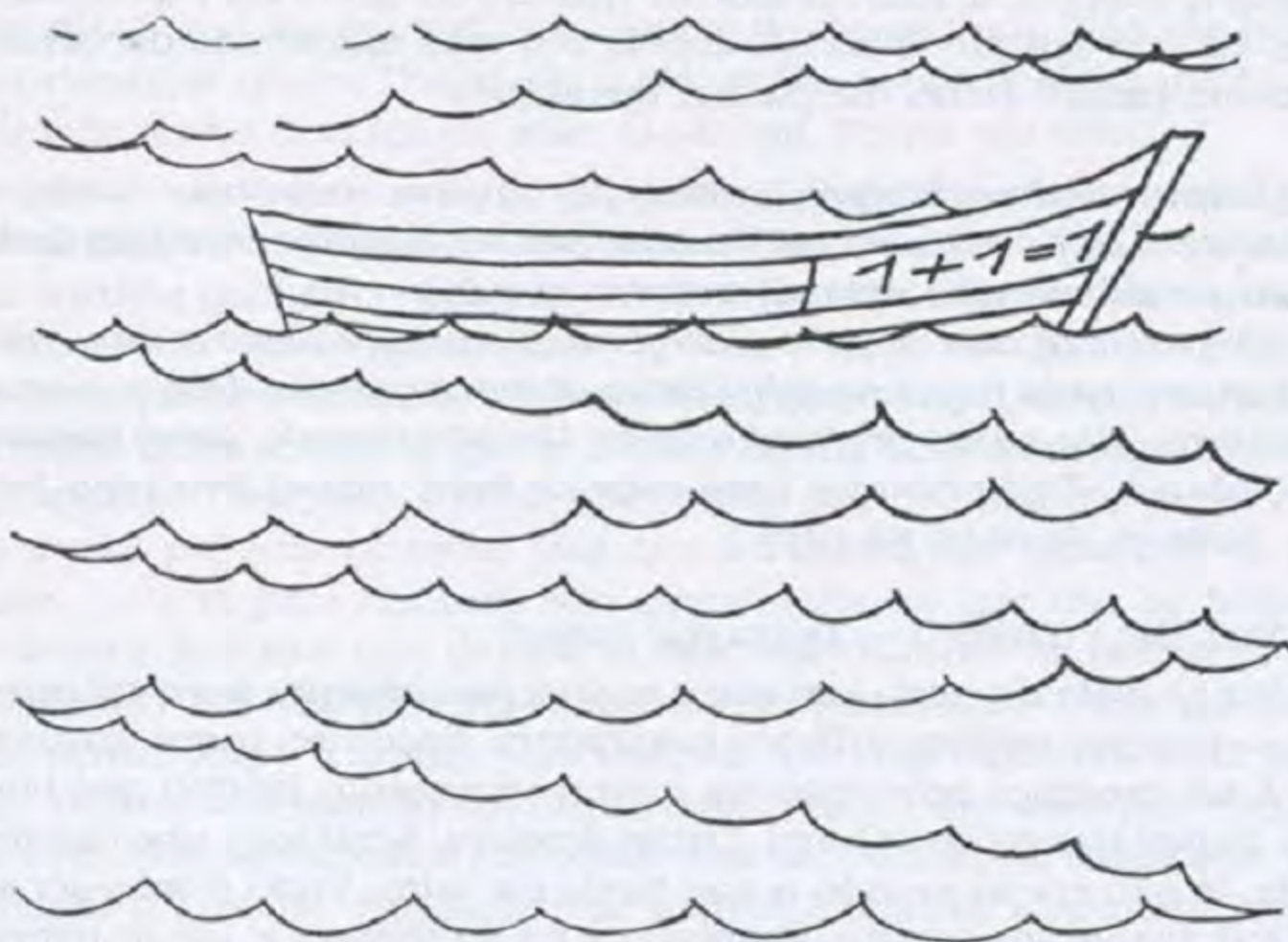


(A mesma cena do terceiro quadro. Sem a árvore. As mesmas personagens do terceiro quadro. No primeiro plano ele, com a gabardina e a maleta do quadro anterior, espreita, protegido pelo muro da edificação, uma mulher de pé voltada para o fundo diante da janela.

Ela faz para longe e na mesma direcção sinais que parecem os mesmos que ele fez no terceiro quadro depois de se despedirem. Talvez mais quentes e ainda mais felizes que os recordados. Pela sua mímica alguém se aproxima a passos largos. Já abre os braços para o receber. Debruça-se no parapeito com os braços avidamente estendidos para o fundo. Subitamente, volta-se para a cena, passa as mãos espalmadas sobre os olhos, controla-se, e insignificante senta-se no sítio do parapeito onde ao começar o terceiro quadro fazia costura. Abre o saco e fica na costura.

de gasta peliça, coco e um gramofone de campânula em corola vegetal. Observam a cena. O homem deixa o gramofone no primeiro plano voltado para o público.

Uma cortina vem coincidir com a suposta parede da edificação mais próxima do público.



A rapariga, o homem e a edificação desaparecem por detrás deste pano. Música de abertura de espectáculo de circo com pratos, tambor, bombo e cornetim. À transparência deste pano é um mar de ondas rudimentarmente articuladas em movimento inquieto. Por um sistema de várias cortinas transparentes subindo sucessivamente, torna-se cada vez mais nítida a visão por transparência. Cessa, extinguindo-se, a música de abertura e começa no gramofone a valsa alemã «Sobre as Ondas». Aparece navegando um barco que pára no meio do mar. O barco chama-se à proa $1 + 1 = 1$. Traz um marinheiro. Bigodes retorcidos, grossas suíças, cabelo negro encaracolado a sair em cacho do boné com o nome do barco na fita, camisola às riscas vermelhas horizontais, grosso casaco de bordo com divisas e cachimbo que fuma como chaminé de indústria. O marinheiro deita ao fundo do mar uma âncora de prata reluzente enroscada pela palavra Esperança. Tira de dentro do barco um embrulho de papel de seda verde. Desata-lhe os cordéis.